

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

Aos Efésios, 4:13

Resumo:

O Conselho da Conferência Geral aos Pastores e Anciãos
Nota particular para as Congregações Portuguesas
A nossa mensagem na Profecia

por H. M. S. Richards

Progressos no meio da guerra

por W. E. Turner

O ministério do nosso Sumo-Pontífice

por M. L. Andreasen

O selo do Deus vivo

por Francisco McLellan Wilcox

A hora crítica para a Expansão Missionária

por E. D. Dick

2\$50

Julho-Agosto de 1945

ANO VI

N.º 30

O Conselho

da Conferência Geral aos Pastores e Anciãos

O apêlo para outra Semana de Prece vem num tempo em que as condições do mundo e da igreja destacam a proximidade do fim. Com a guerra a rugir num dos lados da Terra, com a confusão política e económica no outro lado do mundo, vemos que a palavra das Escrituras «vã é a esperança do homem» nunca teve uma maior significação. Pelas mesmas razões, contudo, as promessas da Palavra e as eternas verdades cristãs nunca foram mais confortadoras para o coração dos homens.

No momento em que as nossas congregações se reúnem para as suas Semanas de Prece e intercessão, estamos felizes por poder apresentar leituras que sentimos poderem dirigir as mentes em direcções auxiliaadoras e apresentam ideais para motivo de oração que deveriam servir como lema fundamental dos cultos a realizar. Na preparação destas reuniões especiais, os dirigentes das Congregações devem ter o cuidado de planear com muita antecedência e de forma perfeita os seus programas bem coordenados.

Esperamos que tôdas as Igrejas usem ao máximo as leituras que foram preparadas. Pensamos que as Congregações beneficiarão das leituras quando elas forem feitas por pessoas que leiam de forma clara e inteligente; desta forma, receberão uma apresentação equilibrada das nossas mais prementes necessidades e dos problemas que nos enfrentam como denominação. Desta forma, haverá uma intercessão unida em favor dessas bênçãos espirituais que há tanto tempo foram prometidas ao remanescente do povo de Deus.

Mais uma vez fazemos o plano de unir a Semana de Sacrifício e a Oferta Anual no último sábado da Semana de Prece, em Novembro, 24. O nosso povo sempre respondeu com nobreza ao pedido para fundos de reabilitação. À medida que a cortina da Guerra se ergue, no que respeita aos prejuízos actuais das nossas propriedades, compreende-se à evidência a quantidade de milhões de escudos que serão necessários para reconstruções. Compreendemos que o fim da guerra abrirá portas que até aqui tinham sido fechadas e que os apelos para mais obreiros adicionais bem como as crescentes facilidades aumentarão também. Assim deve ser até que o trabalho seja acabado por completo em todo o mundo. Procuremos dar generosamente para a causa das missões nesta oferta a realizar no último sábado da Semana de Prece. Não se esqueçam também de anunciar esta oferta durante todos os dias da Semana.

As lições para as crianças foram cuidadosamente preparadas por pessoa bem qualificada. Esperamos que em cada Igreja os cordeiros do rebanho serão reunidos diariamente para receber o alimento espiritual adaptado às suas particulares necessidades. Trazer as crianças a Jesus é trabalho de máxima importância.

Há poder nas reuniões bem unidas de oração. Possa o Espírito de Deus dirigir de tal modo a Sua Igreja de forma que, desde o primeiro sábado dessa semana, através de todos os dias da mesma, haja uma tão sincera e unida súplica a subir de todos os corações que o Senhor seja levado a abrir as janelas do céu e lançar uma bênção tão abundante que o ano de 1946 contemple um progresso espiritual jamais visto desde os dias dos Apóstolos.

O Conselho da Conferência Geral

NOTA PARTICULAR

PARA AS

CONGREGAÇÕES PORTUGUESAS

A Semana de Prece no fim do Ano calha sempre na quadra invernos, das chuvas e frios, das gripes e pneumonias. Os portugueses não estão ainda habituados nem preparados para essa quadra desagradável, embora habitem Portugal há perto de 1.000 anos. A nossa experiência, desde que se organizou a Semana de Prece no Movimento Adventista, diz-nos que deveríamos fazer esta Semana numa quadra do ano que fôsse mais amena e respondesse às condições locais. É possível que a época mais propícia para as cidades, seja justamente a época menos conveniente para as populações rurais. Seja como fôr, temos a experiência das dificuldades a vencer nas cidades, em tempos de invernia, para reunir os nossos membros fiéis e sinceros que, muitas vezes, têm de ficar retidos em casa pelo mau tempo. Por outro lado, as crianças têm dificuldade, em épocas tais, de sair de casa, chegar molhadas eregeladas às Congregações, onde têm de ficar nesse estado durante duas horas, com grave perigo para a sua saúde. Considerando êstes factos, pensamos que seria bom aconselhar fazer a Semana de Prece, o mais tardar, durante o mês de Outubro. Embora já haja invernia em muitos anos, de forma geral o tempo ainda é ameno. Deixamos êste alvitre perante o bom senso dos Conselhos das Congregações, apenas no intuito de proporcionar um maior êxito à mesma Semana.

A NOSSA MENSAGEM NA PROFECIA

POR H. M. S. RICHARDS

NOTA DO AUTOR: — Uma vez que numa leitura da Semana de Prece apenas podemos mencionar brevemente as profecias da Palavra de Deus, sobre as quais assenta a nossa Mensagem, e não seria uma grande bênção que cada Adventista do Sétimo Dia começasse imediatamente a rever os seus conhecimentos dessas grandes profecias bíblicas, em especial as de Daniel e do Apocalipse, que constituem base desta grande Mensagem? e Que melhor processo haveria do que assegurar-se de uma cópia da edição há pouco revista de Daniel e Apocalipse de Uriah Smith e ler esse livro do principio ao fim? Penso que fazendo assim obteríamos um reavivamento para todos.

Conta-se que certo teólogo moderno uma vez disse: «Se não houvesse na Bíblia o livro do Apocalipse não existiria hoje a Igreja Adventista no mundo». Êste homem reconhecia ao menos que o Movimento Adventista por nós amado se baseia nas profecias da Bíblia. É certo que sem as admiráveis profecias da Bíblia, não haveria hoje nenhum movimento adventista mundial. Mas as profecias estão na Bíblia e a tripla mensagem lá vai através do mundo. Êstes dois factos não se podem negar, je quão agradecidos deveríamos estar porque êles assim se passam!

Não posso esquecer o estremecimento de comoção que passou pela minha alma quando pela primeira vez compreendi que esta nossa mensagem não é um mero sistema de explicar as profecias mas é o próprio cumprimento das grandes linhas das profecias Bíblicas. Tal comoção e admiração continuam a aumentar em mim à medida que esta mensagem vai percorrendo «tôdas as nações, tribos, povos e línguas» (Apocalipse 14:6)

A Igreja Adventista não é uma mera organização religiosa como tantas outras, de doutrina cristalizada e de controvérsia doutrinária, e muito menos a sombra esguia de qualquer forte personalidade. Longe disso. É a profecia em acção — êsse movimento mundial e mensagem descrita e predita nas profecias Bíblicas a tomar corpo, existência real, nos nossos dias.

Quantas vezes ouvimos nós os velhos condutores dizer que a mensagem veio no seu tempo devido; que todo o movimento que veio antes de 1844 veio cedo demais; que todo o movimento que veio depois de 1844 veio tarde demais. E nós precisamos ouvir estas afirmações muitas vezes. «Como as estrelas no seu curso, os planos de Deus não conhecem pressas nem delongas». Foi «na plenitude dos tempos» que Deus mandou Seu Filho ao mundo (Gál. 4:4). Justamente antes que o nosso Salvador aparecesse entre os homens, João Baptista foi en-

viado como Seu precursor. Êste trabalho de João foi o cumprimento de uma profecia recordada nas Escrituras muitos séculos antes do seu cumprimento. «Naqueles dias veio João Baptista a prègar nos desertos da Judeia e dizendo: Arrependei-vos porque está próximo o reino de Deus. Porque êste é aquê de quem falou o profeta Isaias quando disse: Voz do que clama no deserto, preparaí o caminho do Senhor e fazei rectas as suas veredas» (S. Mateus 3:1-3) Uma mensagem profética preparou o caminho para a primeira vinda de Cristo. Assim será também que uma mensagem profética preparará o mundo para a Sua segunda vinda.

Depois de descrever muitos sinais, muitos dos quais já se deram nos nossos dias, Jesus disse: «E êste Evangelho do reino será prègado em todo o mundo em testemunho a tôdas as nações e então virá o fim» (Mateus 24:14). É uma predição definitiva feita por Jesus segundo a qual deverá haver uma proclamação mundial do Evangelho, justamente antes do fim desta idade e compreenderá a mensagem da Sua volta a esta Terra em poder e glória, porque é o evangelho do reino que deve ser prègado. O reino de Cristo deve ser iniciado na Sua segunda vinda conforme vemos em Mateus 25:31. «Quando o Filho do homem vier em Sua glória e todos os santos anjos com Êle, então se sentará no trono da Sua glória».

Quando Êle vier com todos os santos anjos é que Cristo se sentará no trono. Justamente antes dêste acontecimento e como preparação para êle, deve ser prègada a mensagem global do Evangelho a tôda a criatura anunciando-lhe a vinda iminente de Cristo. A mensagem adventista fará estas duas coisas e vem no devido tempo. Ela é pois o cumprimento da profecia e o mais poderoso e melhor de todos os sinais da vinda de Cristo.

Muitos Cristãos durante 1.900 anos têm acreditado que Cristo algum dia havia de vir. Mas para nós que amamos o advento do Senhor é uma expectativa brilhante e consoladora. Milhares agora estão na esperança de ver a vinda de Jesus. Como se deu êste facto? e Como poderemos acreditar que a vinda do Senhor está próxima? Pelas profecias — pelas profecias Bíblicas — eis as respostas.

Consideremos brevemente algumas profecias:

1 — A primeira grande profecia é a do Capítulo 2 de Daniel. Nela estão representados os poderes sucessivos da Terra na escala decrescente de metais a partir do ouro até ao barro.

Começando no tempo do profeta Daniel (uns quinhentos anos antes de Cristo), quatro impérios dominadores do mundo deveriam aparecer sendo o quarto dividido finalmente em reinos fragmentários. Tudo isto é assunto histórico bem conhecido agora — Ba-

bilónia, Média-Pérsia, Grécia e Roma — quatro grandes impérios aparecem um atrás do outro e, por fim, Roma foi dividida em fragmentos que se tornaram as nações da moderna Europa.

Mas a profecia tinha mais um acto pintado no verso 44. «E nos dias daqueles reis o Deus dos céus levantará um reino que nunca mais será destruído; êste reino não será deixado a outro povo, mas quebrará em pedaços e consumirá todos êstes reinos e permanecerá para sempre». O quinto império, o reino de Deus, deve em breve aparecer.

Segundo esta profecia, onde nos encontramos nós?

2—Depois vamos para a profecia dos quatro animais, em Daniel 7, que abrange o mesmo período da profecia da imagem metálica mas apresenta mais minúcias, incluindo o primeiro minucioso esquema do aparecimento e trabalho da apostasia papal e a sua tentativa de mudar os tempos e as leis. Depois disto, aparece a cena seguinte e final pintada no versículo 27: «O reino, o domínio, a grandeza do reino debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é eterno e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão». Como vêem, esta profecia leva-nos justamente aos tempos modernos e declara que o próximo acto no drama dos séculos deve ser o reino de Deus.

3—Quando chegamos aos capítulos oito e nove de Daniel encontramos a profecia dos 2.300 dias proféticos que nos descrevem os acontecimentos da vida de Cristo quinhentos anos antes de ocorrerem e anuncia o tempo em que deveria iniciar-se a purificação do santuário celestial e a mensagem da hora do juízo em 1844. Os 2.300 dias (ou anos literais) são a mais longa profecia cronológica da Bíblia e levam-nos aos tempos do fim (Daniel 8:17) quando a atenção do povo de Deus seria dirigida para o lugar santíssimo do santuário celestial e portanto para a «arca da Sua aliança» (Apoc. 11:19). Êste estudo do santuário resultou num reavivamento da verdade do Sábado, tanto tempo negligenciada, de forma que a mensagem da volta de Cristo, a purificação do Santuário e o verdadeiro Sábado actualmente começaram a ir por todo o mundo, no próprio tempo indicado na profecia.

4—Passando sôbre muitas outras profecias da Bíblia, chegamos a Mateus 24 e lemos a descrição feita por Jesus dos sinais que deveriam preceder a queda de Jerusalém, a cidade que O rejeitara, e dos sinais que indicariam o fim da idade evangélica e o fim do mundo rejeitador dos Seus mensageiros. Êle predisse um período de perseguição (1.260 anos, de 538 a 1798 da nossa era) o qual seria seguido de sinais nos céus — o escurecimento do sol (19 de Maio de 1780), a queda das estrêlas (13 de Novembro de 1833) e diz: «Então aparecerá o sinal do Filho do homem nos céus e tôdas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vir nas nuvens do céu com poder e grande glória» (V. 30). E acrescenta: «Mas daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente Meu Pai» (V. 36).

Embora não nos seja revelado o tempo exacto do regresso de Jesus temos de saber quando a Sua vinda está próxima. Notemos que não sômente poderemos saber mas somos chamados, *obrigados*, a conhecer. Falando dos muitos sinais mencionados neste capítulo vinte e quatro de Mateus o nosso Senhor diz no versículo 33: «Assim também vós, quando virdes êstes sinais, sabeí que êle está próximo, mesmo

às portas». Um dos maiores sinais apontados é a prêgação mundial do Evangelho, mencionada no versículo 14.

5—No Apocalipse, capítulo 2 e 3, encontramos a profecia das Sete Igrejas, cobrindo com tôda a evidência a história dos sete períodos na história geral da igreja que nos levarão até à segunda vinda de Cristo. Os sete períodos são indicados como segue: 1) Efeso, a idade apostólica; 2) Esmirna, o período das perseguições pagãs; 3) Pérgamo, dos tempos de Constantino até à grande apostasia; 4) Tiatira, o período da supremacia papal; 5) Sardo, as igrejas da Reforma; 6) Filadélfia, o período do despertamento adventista; 7) Laodiceia, o último período da Igreja. Estamos informados de que Laodiceia significa trabalho de juízo, um «juízo do povo» e tal frase apropria-se para o tempo que vai de 1844 até ao fim dos tempos de probação. Assim esta profecia é um apêlo sério e solene para todos nós.

Leiam outra vez a mensagem de Cristo a Laodiceia em Apocalipse 3:14:22 e notem especialmente o verso 20: «Eis que Eu estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta entrarei em casa e cearei com êle e êle Comigo».

6—Depois aparece a profecia dos Sete Selos do Apocalipse, capítulos 5 a 8. Assim como as profecias das Sete Igrejas pinta as experiências da Igreja viva através dos séculos, da mesma forma os Sete Selos seguem a marcha da Igreja Apóstata consoante se desenvolveu nos dias do Novo Testamento. Traçando o cumprimento dêstes selos quebrados da profecia encontramos que tanto a história secular como a eclesiástica correspondem passo a passo aos quadros da Bíblia.

O sexto Sêlo abre com o ribombar de um poderoso terramoto (o terramoto de Lisboa a 1 de Novembro de 1755) seguido pelo escurecimento do Sol e ensangüentamento da Lua (19 de Maio de 1780) e a queda das estrêlas em 13 de Novembro de 1833. Tudo isto leva os acontecimentos do Sexto Sêlo até ao fim do versículo 13 do cap. 6 do Apocalipse. Que vem a seguir? Leiamos o versículo 14: «E o céu retirou-se como um livro que se enrola e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares» (V. 14). Claro está que vivemos agora depois da queda das estrêlas mas antes que os céus se tenham retirado — noutras palavras, vivemos entre o versículo 13 e o 14 de Apocalipse 6. ¡Que privilégio é o de viver em tais tempos como o nosso! E que responsabilidade!

O sétimo Sêlo (Apoc. 8:1) faz silêncio no céu — todos os seus gloriosos habitantes estão com o nosso Salvador, visto que Êle veio reunir os Seus filhos e levá-los para o céu. Nós vivemos justamente antes dêsse acontecimento.

7—Chegamos então à profecia das Sete Trombetas de Apocalipse 8 e 9 que representa muitos dos acontecimentos seculares e militares relacionados com o aniquilamento do Império Romano e até da própria civilização.

A 1.^a Trombeta representa a invasão dos Godos sob o General Alarico em 410 A. D. em que pela primeira vez Roma foi saqueada e os chamados «bárbaros» deram um tremendo golpe no prestígio romano na presença de um mundo assombrado (Apoc. 8:7).

A 2.^a Trombeta traz o ruído da batalha vindo do Sul, em 455, quando uma grande expedição anfíbia dos Geremanos sob Genserico tornam a saquear Roma e levam no meio de inúmeros tesouros o célebre candelabro de ouro e outros objectos preciosos

que tinham sido trazidos por Tito do templo em Jerusalém muitos anos antes (Apoc. 8:8, 9).

A 3.^a Trombeta tocou e Átila e os seus Hunos azorragam a Europa (Apoc. 8:10, 11).

A 4.^a Trombeta soa a queda final da Roma Ocidental em 476 às mãos do General Odoacro e de um forte exército vindo do norte da Europa (Apoc. 8:13).

A 5.^a Trombeta anuncia o aparecimento dos Maometanos, as suas conquistas espirituais e militares a partir do século sétimo (Apoc. 9:1-3).

A 6.^a Trombeta descreve a queda de Roma Oriental pelos Turcos e prediz a vinda da hora do juízo. Somos assim levados aos meados do século XIX (Apoc. 9:13-21).

A 7.^a Trombeta ecoa durante as cenas finais da história do mundo, a terminação da mensagem evangélica, a cólera das nações e o admirável cumprimento de Apoc. 11:15: «E o sétimo anjo soou e ouviram-se grandes vozes no céu que diziam: «Os reinos deste mundo tornaram-se os reinos do nosso Senhor e do Seu Cristo e Ele reinará pelos séculos dos séculos». Esta grande profecia militar que nós apenas esboçamos nesta leitura, traz-nos alegria sempre que estudamos o seu cumprimento nos factos relembrados pela história (Apoc. 10:7-11; 11:15-19).

No Apocalipse 13 e 17 a marca do poder papal e da apostasia protestante nos últimos dias aparece descrita, reveladas as perseguições das idades passadas e a prometida vitória do povo de Deus. Carecemos de estudar êstes capítulos como nunca dantes. Especialmente tudo isto é verdade se considerarmos a interpretação futurista, muito em voga, de tôdas estas profecias do Apocalipse, a partir do capítulo 5 em diante, que penetrou nos círculos dos crentes fundamentalistas. Entre o nosso próprio povo adventista há alguns que parecem estar confusos sobre algumas destas profecias. Uma nova leitura da **Grande Controvérsia** e do **Daniel e Apocalipse** é de aconselhar justamente agora.

Quando chegamos ao capítulo 14 do Apocalipse encontramos a descrição do movimento adventista na profecia — a própria tripla mensagem! A proclamação mundial da hora do juízo, a declaração da queda de Babilónia e o aviso contra a marca da bêsta, seguidos no versículo 12 pelo quadro divino do povo que se está desenvolvendo por meio desta mensagem e que a leva a todo o mundo: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

Com tais profecias Bíblicas a cumprir-se na mensagem adventista de hoje, como poderemos nós dormir espiritualmente? Teremos de repetir que a mensagem por nós prégada não é mais um mero movimento originado nalgum bom homem que tivesse em vista o bem-estar do mundo; é a profecia divina em acção, a Palavra de Deus a encontrar cumprimento nos acontecimentos dos nossos dias. A prègação das profecias iniciou êste movimento mundial e a prègação das profecias mantê-lo-á vivo e dar-lhe-á a vitória. Temos uma mensagem profética. Se assim não fôra não haveria razão nenhuma para a existência do movimento adventista. A suprema razão da sua existência e do seu trabalho mundial é levar as boas-novas da salvação a todos os seres humanos e preparar um povo para o Senhor.

O último capítulo do maior livro de profecias de tôda a Bíblia — o livro do Apocalipse — contém um dos mais poderosos apelos evangelísticos jamais dados aos homens. Encontra-se em Apoc. 22:17: «O Espírito e a Espôsa dizem: Vem. E aquêle que oiça diga: Vem. E aquêle que tem sede venha. E todo aquêle que queira tome da água da vida livremente».

¿ Já o Irmão e a Irmã e tu, meu Amigo, tomastes da água da vida oferecida hoje aqui a cada um de vós? Tendes sede? Se a tendes, ¿por que não vir e beber hoje mesmo?

Leitura para o Domingo da Semana de Prece — 1945

PROGRESSOS NO MEIO DA GUERRA

por W. C. TURNER

Poucas vezes os habitantes da Terra têm ficado livres de terrores e dos mêdos da guerra. Desde o dia em que Lucifer e os seus anjos combateram no céu contra Miguel e Seus anjos e ficou expulso do céu sobre esta Terra, as guerras foram a triste experiência da raça humana.

A guerra brota do coração satânico. É o resultado da cobiça pelo poder. Não é verdade que S. Tiago diz: «¿ Donde vêm as guerras e combates entre vós? ¿ Não vêm disto, da cobiça que guerreia nos vossos membros? Cobiçais e nada tendes; sois cobiçosos e invejosos e nada podeis obter» (Tiago 4:1, 2).

A peste, a fome, as convulsões da natureza, a perseguição e guerra têm sido instrumentos nas mãos do diabo e por meio delas êle tem semeado sofrimento intenso aos filhos e filhas de Adão. Por meio

dêles tem êle tentado deter a Obra de Deus na Terra. Como Satanás é um enganador da mesma forma é enganado. Êle emprega estas agências para reter o progresso no plano de Deus mas invariavelmente só contribui, por meio dos seus esforços, para que o nome de Deus seja freqüentemente honrado e engrandecido. Lembramos as afirmações de Deus a Moisés quando Faraó com o seu exército procurou destruir os filhos de Israel na sua viagem do Egipto para Canaam. Na aparência metidos numa ratoeira, com as montanhas de cada lado, com o Mar Vermelho diante dêles, com as hostes egípcias aproximando-se pela retaguarda, parecia que não podia haver para Israel nenhum escape. Consoante Faraó, o governador pagão, se aproximava dos israelitas, outra vez ao alcance das suas mãos, o Senhor disse a Moisés: «Fala aos filhos de Israel que marchem...

e Eu obterei honra sobre Faraó e sobre o seu exército, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros. E os egípcios saberão que Eu sou o Senhor quando fôr honrado sobre Faraó, sobre os seus carros e cavaleiros» (Ex. 14:15-18). O libertamento miraculoso operado pelo Senhor em favor do Seu povo inspirou Moisés e os israelitas a cantar: «Cantarei ao Senhor porque Êle triunfou gloriosamente: Êle derribou os cavalos e os seus cavaleiros, no mar» (Êxodo 15:1).

Os esforços de Satanás foram frustrados e o nome de Deus foi honrado. Muitas vezes encontramos no Velho Testamento o adversário a atacar o povo de Deus com o resultado de que a causa de Deus avançou e o nome de Deus foi engrandecido.

As tentativas de Satanás através de Saulo para destruir a igreja nascente nos dias de Estêvão, tiveram como simples resultado espalhar os crentes e alargar grandemente o campo da prègação do evangelho. Os seus esforços para impedir, foram, pelo contrário, empregues em alargar e outra vez o nome de Deus foi honrado.

Percorrendo os séculos até chegarmos à Idade Média, quando, pela guerra e perseguição, outras tentativas foram feitas para extinguir a faúlha do Cristianismo que ainda brilhava nos corações dos homens em muitas terras, a fôrça, o cadafalso, a roda, foram cruelmente empregadas para cumprir o propósito de Satanás. O sangue correu das veias dos mártires mas com verdade foi já dito: «O sangue dos mártires é a semente da Igreja». Mais uma vez a crueldade do poder papal e pagão, empregados como agentes satânicos, levou a honrar o nome de Deus. A reforma e a perseguição que se seguiram, deram à Europa uma nova revelação da glória e poder divinos.

Nós agora vivemos no último período da história. Sabendo que um pequeno tempo ainda resta para a execução da sua vontade, o adversário espicaça as nações para a guerra. A fôrça satânica está por detrás desta temerosa luta actual. A Mensageira do Senhor escreve na «Grande Controvérsia», p. 589: «Satanás deleita-se na guerra; excita as piores paixões da alma e então varre as suas vítimas para a eternidade, sujas de vícios e sangue. O seu fim é incitar as nações à guerra, umas contra as outras; porque desta maneira pode entreter as mentes do povo e retirá-las do trabalho de preparação necessária a enfrentar o dia de Deus».

Em tempo nenhum da história foram tantas nações, numa superfície tão grande, envolvidas na guerra, como nos nossos dias. Com a mensagem do Advento que presentemente se espalha sobre o mundo, os interèsses materiais e os próprios membros da última igreja foram gravemente afectados. Estações missionárias foram demolidas; casas publicadoras, sanatórios, escolas, igrejas foram aniquiladas pelos maquinismos da moderna guerra. Milhares dos nossos membros de Igreja tiveram de fugir diante dos exércitos invasores, deixando atrás dêles a maior parte das coisas materiais da vida. Dezenas de obreiros nossos foram internados ou presos. Milhares de nossos membros estão servindo as suas pátrias nos serviços de saúde e noutros serviços não-combatentes. Lares foram separados dos seus homens, instituições viram-se privadas dos seus empregados, igrejas da sua juventude e a separação foi a sorte de muitos durante toda a guerra.

¿E qual foi o resultado de tal tragédia na Obra de Deus? Rasgada e confusa pelo cataclismo dos modernos métodos e armamentos, criados e aperfei-

coados para a destruição das vidas humanas, devastação de cidades, ¿apesar de tudo isto neste pobre mundo ainda teria sido possível honrar o nome de Deus e levantá-LO nestes tremendos tempos de paavorosa destruição e sofrimento?

É sempre animador saber que «Aquêle que não dorme, que está continuamente ao trabalho para o cumprimento dos seus desígnios pode executar o Seu grande trabalho harmoniosamente... Pode descobrir meios e processos para torcer os desígnios dos homens maus; Êle trará a confusão aos conselhos dos que conspiram contra o Seu povo... Êle é o Rei, o Senhor dos exércitos; senta-se entre os querubins: e entre a luta e o tumulto das nações Êle guarda ainda o Seu povo» («Test.», Vol. 5, p. 754).

À medida que nos movemos de terra para terra, ¿quais são as evidências que descobrimos da providência de Deus no meio da presente guerra? Voltando-nos em primeiro lugar para a Europa com todo o seu povo e a sua cultura suposta, com muitas das suas cidades transformadas em montões de ruínas e os seus tesouros destruídos, os seus habitantes separados e famintos, ¿que podemos nós encontrar no que respeita à última mensagem de Deus? À medida que preparamos êste artigo, as bombas estão pulverizando muitas das cidades da Europa Central e as cidades das nações vão caindo. Quando terminarmos êste artigo não saberemos ainda quais são as perdas que tenhamos sofrido em numerosos países e talvez nos seja impossível tentar compreendê-las.

Do escritório da Divisão Sul-Europeia encontramos em cartas recebidas estas animadoras palavras que chegam até nós por cima do terror e do trovão da guerra. O Irmão H. A. Struve, Secretário da Missão Interior daquele campo, escreve: «Durante êstes anos de guerra e de tremendas dificuldades nunca perdemos o contacto... Hoje não posso dar-vos o relatório exacto de tôdas as minhas viagens. Primeiro de tudo desejo sublinhar o facto de não estar parado, durante êstes tempos difíceis, o trabalho de Deus. Pelo contrário, os nossos membros mantêm-se leais à lei de Deus. Permaneceram fiéis à verdade. O nosso povo mantêm-se leal, feliz e corajoso na sua fé. Estão prontos para todo o sacrifício. Muitos membros foram baptizados em segrêdo. Muitos relatórios mostram um grande aumento em membros. A União Húngara baptizou 634 almas nos primeiros seis meses de 1944. A Campanha das Missões tem sido executada todos os anos e sempre com bom êxito. Os resultados não são inferiores aos dos outros anos».

Da Itália onde, no momento em que escrevemos, as nuvens da guerra se estão levantando vagarosamente, recebemos as seguintes palavras encorajadoras do Pastor Beer, encarregado daquele campo: «Deus tem operado maravilhosos milagres para nós. Todos os nossos Obreiros estão vivos e nenhum dêles foi ferido embora tenhamos passado por muito difíceis experiências nesta guerra que executou grandes destruições na nossa terra. As promessas do nosso Pai celestial foram cumpridas e nós hoje sentimos cheios de alegria pelas grandes coisas que foram executadas em nosso favor. Nenhum dos nossos crentes perdeu a sua vida. Muitos membros perderam as suas casas, algumas das nossas capelas foram destruídas mas, contudo, estamos agradecidos a Deus e bendizemos o Seu nome. Sinto-me contente em poder dizer-vos que, pelos relatórios até agora recebidos, o ano de 1944 foi muito fértil em

baptismos. Esta é a prova que o Espírito de Deus está trabalhando com poder mesmo neste país».

O Pastor L. H. Christian, durante tanto tempo relacionado com a nossa obra na Europa, conta-nos, de cartas recebidas de vários países, que: «o nosso povo está procurando Deus e unindo-se numa experiência de amor e unidade. Outro facto também impressionante é que estamos ganhando muitos membros naqueles países em que a guerra esteve actuando. Um antigo director da obra numa das repúblicas bálticas escreveu-nos uma longa carta a contar as dificuldades e perseguições mas, mesmo durante estes anos de guerra naquelas terras, tiveram mais baptis- mos e as igrejas aumentaram em membros como nunca se viu no passado. Os condutores da nossa igreja na Polónia e na Hungria relatam a mesma história. É a obra do Espírito Santo no nosso meio».

O Irmão P. G. Nelson, da Noruega, escreve: «As coisas vão bem na Noruega. No último ano foram baptizadas umas 400 pessoas e foram aceites na comunidade das congregações. O Departamento das Publicações está fazendo bem. Vendemos tudo quanto podemos imprimir. A nossa clínica em Oslo tem a frequência de que é capaz durante todo o dia. Os nossos crentes apegam-se à verdade de Deus. Amam a Sua Palavra e a Mensagem do Advento».

Da Rússia temos recebido com alegria algumas notícias do Pastor Grigorieff. Diz-nos quão feliz ficou ao receber as nossas notícias e pela possibilidade que tem de nos enviar as suas cartas. Expressa a sua gratidão pelas preces do nosso povo na América e os votos bondosos e amáveis. Diz que grande número de igrejas na Rússia foram destruídas pela guerra e alguns membros foram expulsos das suas regiões. Foram já capazes de reorganizar um certo número de congregações. Têm reuniões de oração e estão em contacto com os dirigentes do movimento. Apresenta as suas aspirações de poder apresentar um relatório por meio de delegados russos e de comunicar assim com o nosso povo na América. Conclui a sua carta, dizendo: «Podemos fazer cultos religiosos públicos e fazer a obra de Deus».

O Pastor Magi, da Estónia, que recentemente escapou para outro país, depois de descrever as dificuldades causadas pela guerra no seu país, escreve como segue sobre o trabalho na Estónia: «Os nossos dizimos através de todos estes tempos foram bons. Os nossos membros têm sido fiéis em dar ao Senhor o que lhe pertence. Não tivemos oportunidade de manter a contabilidade nas nossas igrejas... Baptizámos tantos membros durante este período da guerra como dantes e poucas foram as apostasias... O nosso orçamento esteve equilibrado todos os anos. Mantivemos o nosso calendário missionário como sempre e segundo foi fixado pela Conferência Geral. Não tivemos literatura a oferecer durante estes tempos e por isso reunimos toda a velha literatura existente nos departamentos e casa dos membros e usamo-la. No momento em que escrevo, não resta uma página impressa de literatura adventista na Estónia. Usámos tudo quanto tínhamos».

Na Inglaterra, a despeito dos bombardeamentos e das tremendas transformações operadas pela guerra que tantas necessidades ocasionaram, recebemos com satisfação notícias de progresso. Os nossos serviços evangelísticos foram realizados em áreas severamente bombardeadas e novas igrejas foram construídas. Num caso, quando os Irmãos estavam a pôr as janelas numa Igreja caiu uma bomba e destruiu as janelas que já tinham sido colocadas na outra extre-

midade do edifício. O Irmão Lowe escreve dizendo que é maravilhoso ver a quantidade de nossos membros envolvidos na queda de bombas mas que foram guardados. Alguns membros perderam as suas vidas mas foi admirável, na realidade, ver a mão protectora de Deus sobre os Seus Obreiros e povo na Inglaterra. A Campanha das Missões fez-se como sempre, havendo ainda maior êxito. Em 31 dias de trabalho activo, o dinheiro recebido em média por membro foi de 15 dólares (375\$00). Os dizimos mostram um aumento animador e os baptis- mos mantiveram-se também.

O Irmão F. Lavanchy, Secretário Educacional da Conferência Belga, em carta recente, diz-nos: «A administração alemã nunca interferiu nas actividades da Igreja. Continuámos a nossa missão, distribuindo folhetos e colportando... As actividades missionárias dos nossos membros e as dificuldades dos tempos abriram muitas portas para a proclamação da nossa mensagem. Os ministros e evangelistas muitas vezes tinham mais visitas a fazer do que seriam capazes de encontrar tempo para elas. Os membros durante estes quatro anos aumentaram 20 % e os nossos dizimos, a despeito do racionamento e do comércio negro, aumentaram 400 %. Observamos um nobre espírito entre a juventude. Desejaram fazer alguma coisa para Deus. Esta longa experiência da ocupação e da guerra foi um exame para todos os nossos membros e pela graça de Deus podemos dizer que a maior parte deles ficaram firmemente estabelecidos na verdade. A protecção do Senhor foi manifesta».

Da Divisão do Extremo-Oriente, com excepção das Filipinas, agora libertas de forças hostis, nós temos ouvido muito pouco até à data em que estamos escrevendo estas palavras. Estamos gratos pela protecção admirável concedida aos nossos noventa missionários europeus e americanos apanhados nas Filipinas no início da guerra. Embora sujeitos a sub-alimentação, com poucos cuidados médicos, por vezes no meio da guerra, nenhum destes missionários prisioneiros perdeu a vida. Na ilha de Luzon, conservada durante três anos pelos exércitos japoneses, ficámos cheios de comoção ao saber que 3.000 almas foram baptizadas durante o período da ocupação japonesa.

Nas ilhas do Pacífico Meridional, tão pouco conhecidas até passarem à proeminência em virtude da guerra, vimos a mão onipotente de Deus sobre o Seu trabalho e povo. As ilhas de Salomão foi o centro dos mais temíveis combates. Nestas ilhas o nosso trabalho estava bem estabelecido. Onde quer que tivesse sido ouvido o tilintar das armas, durante os últimos anos, também se fez ouvir os cânticos de Sião através dos lábios de milhares de crentes. A ocupação japonesa levou muitos, de entre o nosso povo, a fugir para as florestas, aumentando assim as dificuldades e muitos problemas. Alguns dos nossos professores foram mortos pela sua lealdade à causa dos aliados. Outros foram torturados, mas as notícias recebidas dizem que os nossos dirigentes e povo nas ilhas de Salomão permaneceram fiéis. Quando chegou o libertamento, com a vitória dos aliados, logo apareceram as histórias de coragem e desenvolvimento.

A firme aderência aos princípios e altos ideais da mensagem consoante é revelada pelos nossos professores nativos e dirigentes, impressionou profundamente os dirigentes paisanos e militares. A história de salvação das vidas de soldados embuscados das

fôrças aliadas, de pessoal da aviação, são assaz numerosas para encher muitas páginas com narrativas emocionantes e inspiradoras. Fé em Deus, confiança no trabalho e resultados das actividades missionárias nasceu e foi testemunhada nos corações e vidas de muitos condutores militares à medida que foram postos em contacto com professores e membros das nossas igrejas nas ilhas de Salomão, Nova-Guiné e noutras ilhas do Sudoeste do Pacífico. Em Guadalcanal só o Pastor Rori relata o baptismo de muitos e a organização de mais quatro igrejas. Simi, nas ilhas de Malaita, relata progressos semelhantes. Desta maneira, desde as mais remotas terras, os relatórios encorajam-nos e inspiram-nos, mesmo no

meio da guerra e destruição. Coragem abunda, fé e esperança habitam nos corações do povo de Deus. Todos êles têm a confiança de que a mensagem triunfará gloriosamente.

A iniquidade abunda, os detritos das batalhas sujam os centros da Terra outrora tão belos, mas em tempos como êstes «de esmagadora iniquidade, uma nova vida, vinda das fontes de tãda a vida, deve tomar posse daqueles que têm o amor de Deus nos seus corações e devem avançar para proclamar com poder a mensagem do Salvador crucificado e ressuscitado» («Test.», Vol. 9, p. 44).

¿Queremos nós abrir a porta dos nossos corações e deixar que esta vida habite em nós?

Leitura para Segunda-feira da Semana de Prece — 1945

O Ministério do nosso Sumo-Pontífice

por M. L. Andreassen

O dia das expiações era um dia solene em Israel. Era o dia do juízo em que todos os pecados do ano passavam em revisão e eram finalmente removidos. Quando terminava o dia, todos quantos tivessem humilhado os seus corações beneficiariam da expiação feita naquele dia pelo sumo-pontífice; os seus pecados eram aniquilados; o próprio santuário era purificado de tãda a imundície; os pecados eram colocados na cabeça do bode pelo sumo-pontífice e êste animal era conduzido ao deserto para morrer ali e, desta forma, todo o acampamento era limpo. Isto foi em obediência ao mandamento de Deus: «fazer uma expiação para os filhos de Israel, por todos os seus pecados, uma vez em cada ano» (Lev. 16:34). O que compreendia esta expiação está indicado no vers. 33: «Êle fará uma expiação pelo santuário santo, fará uma expiação pela tenda da Congregação, e pelo altar, e fará uma expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação». Daqueles que não participavam da expiação está escrito: «Tãda a alma que não se afligir naquele dia será extirpada de entre o seu povo» (Lev. 25:29).

Estas ordens fizeram do dia das expiações um dia admirável em Israel. Durante todo o ano foi feita a expiação do pecado à medida que o povo trazia as suas ofertas ao tabernáculo. Quando se indicam as ofertas pelos pecados está escrito «e êles lhe serão perdoados» e esta frase é constantemente repetida. Nem uma palavra, contudo, se diz acerca da purificação ou limpeza. Mas no dia das expiações «então o sacerdote fará expiação por vós e vos limpará para que possais ser limpos de todos os vossos pecados diante do Senhor» (Lev. 16:30). Êste trabalho adicional de limpeza, acrescentado ao perdão, é citado em 1 João 1:9: «Se confessarmos os nossos pecados êle é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e limpar-nos de tãda a iniquidade».

A diferença entre perdão de pecado e limpeza de pecado devia ser percebida por tãda a gente. Um homem tem um hábito mau contra o qual tem lutado durante anos. Repetidamente cai mas de cada vez se arrepende e pede perdão a Deus. Como Deus nos

ordena de perdoar até setenta vezes sete, nós concluimos que Deus não quererá perdoar menos vezes. Assim Deus vai perdoando umas vezes atrás de outras mas o ser humano nem por isso fica limpo dos seus pecados. Sùbitamente, o pecador compenetra-se que deve haver uma experiência superior à do perdão. Deus promete perdoar mas, sobretudo, *limpar-nos*. O homem roga o cumprimento desta promessa de Deus e fica limpo do seu pecado. Nunca mais é necessário recorrer ao perdão. Uma experiência muito mais elevada se passou na sua vida. Ê guardado de cair no seu velho pecado. Está *limpo*; está *purificado*; *venceu*.

O poder de Deus para auxiliar o homem não acaba no perdão. O perdão é, sem dúvida, necessário para cada um de nós. Todos pecaram e carecem de perdão, muitas vezes na vida. Mas não devemos ficar satisfeitos com o perdão por muito maravilhoso que êle seja. O perdão só opera depois de ter sido cometido o pecado e é evidência da fraqueza da parte do homem. O que mais se necessita é a limpeza da fonte donde emana o mal. O homem precisa de ser limpo. Enquanto não fôr assim limpo precisará sempre de perdão. Mas não devemos considerar o perdão uma finalidade em si. Ê um processo abençoado que Deus emprega até que o homem abra os olhos sôbre as possibilidades de vencer o mal. Quando finalmente foi limpo, um novo cântico é colocado na sua bôca. O poder do pecado é quebrado. O pecado nunca mais terá poder sôbre êle. Ganhou a vitória. Experimentou o poder de Deus não só para perdoar mas para limpar.

Esta promessa de *limpeza* é a mesma no Velho e no Novo Testamento. Como atrás notámos, Deus ordenou ao sacerdote que «fizesse uma expiação por vós, para vos limpar e para que vós possais estar limpos de todos os vossos pecados perante o Senhor». No serviço diário os seus pecados já tinham sido perdoados. Mas no dia das expiações deviam entrar em nova experiência. Nos serviços especiais da expiação, naquele dia o sumo-pontífice não só entrava no primeiro compartimento onde o perdão ti-

nha sido obtido diariamente mas também no lugar santíssimo onde seria realizada a limpeza. O sumo-pontífice entrava em nome e em favor do seu povo e este devia segui-lo pela fé. Na sua pessoa o povo entrava lá dentro e quando ele era aceito o povo partilhava dessa aceitação. Ele levava o nome dos filhos de Israel «sobre os seus ombros» e «sobre o seu coração». Ele representava Israel; em certo sentido ele «era» Israel. No Novo Testamento nós somos convidados «a entrar com ousadia no lugar santíssimo pelo sangue de Jesus, por meio de um novo e vivo caminho que Ele nos consagrou, através do véu, isto é, da sua carne» (Heb. 10:19, 20). Esta é uma experiência paralela à do Israel de outras eras.

Os adventistas do Sétimo Dia acreditam que há um santuário literal no céu. Acreditam que depois da Sua ascensão, Cristo se instalou oficialmente no serviço de Sumo-Pontífice e se sentou à dextra do Pai. Cristo tinha cumprido a Sua missão na Terra. No Calvário morrera e arranjara os meios de expiação, o Seu sangue. Como os sumo-pontífices eram ordenados para oferecer dons e sacrifícios assim é «necessário também que este homem tenha alguma coisa para oferecer» (Heb. 8:3). Esta «alguma coisa» que Cristo tinha a oferecer era o Seu sangue; e por certo que Ele não poderia ter oferecido este Seu sangue antes de o ter derramado. Não podia, pois, começar o trabalho da purificação senão depois do Calvário. De facto, «se estivesse na Terra nem sacerdote seria» pela simples razão de nada ter para oferecer até que morreu em sacrifício (Heb. 8:4). Mas logo que morreu e derramou o Seu sangue, Ele podia principiar o Seu serviço.

A sua inauguração começou, por consequência, após a Sua ascensão. Na presença dos anjos reunidos, Deus oficialmente O instalou, O nomeou Sumo-Pontífice e O sentou sobre o trono (Heb. 5:10; 1:3). Como Moisés ungiu Arão, assim Cristo foi ungido (Lev. 8:30; Salm. 45:7). Assim como Moisés aspergiu o sangue da dedicação sobre Arão assim Cristo salpicou os Seus vestidos. «Embora mantendo a humanidade, Ele subiu aos céus, triunfante e vitorioso. Tomou o sangue da sua expiação e introduziu no lugar santíssimo, aspergiu-o sobre o propiciatório e sobre os Seus próprios vestidos e abençoou o povo» (E. G. White — «Youth's Instructor», Julho 25, 1901).

Assim como na coroação, o Rei é oficialmente sentado no trono, significando que tomou o seu cargo, assim Cristo foi sentado. Algumas pessoas pensaram erradamente que quando Cristo «se sentou à mão direita da Magestade nas alturas» isso significava que Cristo se sentara por ter dado como findo o Seu trabalho. O texto contém esse significado. «Sentar-se» neste texto significa um acto oficial e formal; significa ficar sentado como os delegados numa convenção ou como o professor que ocupa a cátedra da filosofia numa universidade — um acto solene, formal de inauguração, o investimento de uma pessoa com poderes e prerrogativas, mostrando que está agora autorizada a officiar na sua capacidade escolhida. Significa principiar um trabalho e não findá-lo. Indica o nível de uma pessoa e a sua autoridade.

Este acto de sentar-se Cristo à direita do Pai fez parte da sua inauguração. Ele foi instalado pelo Pai e ungido por Ele. Dedicou-se ao Seu trabalho como estava indicado pela aspersão do sangue e o Pai dirigiu-se ao filho como Sumo-Pontífice e deu-lhe esse título. Foi «chamado de Deus como Sumo-Pontífice segundo a ordem de Melquisedeque» (Heb. 5:10).

A palavra «chamado» do nosso texto é interessante. É uma palavra diferente da que é usada no verso 4, onde simplesmente indica chamado a ocupar uma posição como, por exemplo, «chamado» ao ministério. No verso 10 outra palavra é usada que significa dar nome ou dirigir-se a uma pessoa através do seu título tal como «doutor», «professor». Assim o Pai oficialmente se dirige a Seu Filho como sendo o Sumo-Pontífice e Cristo principiou o Seu trabalho no primeiro compartimento do Santuário. Agora tinha já «alguma coisa» para oferecer. «Pelo Seu próprio sangue Ele entrou uma vez no lugar santo tendo obtido uma eterna redenção em nosso favor» (Heb. 9:12).

Como já dissemos atrás, os Adventistas do Sétimo Dia acreditam num santuário celestial que devia ser limpo em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias. Acreditam que, nesse tempo, Cristo, depois de acabar o Seu trabalho no primeiro compartimento, entrou no segundo e ali fez e está fazendo um trabalho semelhante ao do Sumo-Pontífice na Terra. Compreende este trabalho «uma expiação em favor do santo santuário e... pelo tabernáculo da congregação, e pelo altar e uma expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação» (Lev. 16:33). Quando este trabalho estiver terminado, Cristo voltará.

Enquanto este trabalho está progredindo no céu, um trabalho complementar se executa na Terra pelas actividades da Igreja. Assim como o santuário terrestre era limpo, assim acreditam também os Adventistas que se fará a limpeza do santuário celestial, consoante lemos em Hebreus 9:23. «Era pois necessário que as figuras das coisas celestiais fôsem purificadas com estes; mas as próprias coisas celestiais com melhores sacrifícios do que estes». Como o Israel dos séculos passados estava incluído na purificação, assim os Adventistas acreditam que presentemente um certo povo se está preparando para que possa aparecer sem ruga ou qualquer outra imperfeição. Esse povo «quere guardar os mandamentos de Deus e ter o testemunho de Jesus Cristo» (Apoc. 12:17).

No início deste século, heresias começaram a introduzir-se na nossa denominação as quais negavam a realidade do santuário no céu, regeitavam a data de 1844 e, de forma geral, tentavam remover uma das colunas fundamentais deste movimento. Para combater a influência daquelas tendências espiritualizantes, os Adventistas começaram a dar maior ênfase à lieteralidade do santuário celestial e à sua purificação e a tal ponto que alguns incrédulos e outros crentes conceberam a idéia de que o problema do santuário respeitava somente o assunto de limpeza de uma certa construção ou edificio no céu, noutros termos, uma pura concepção teórica sem aplicação prática nenhuma à vida cristã; desta maneira, embora aquela doutrina teórica estivesse assente na verdade, não tinha nenhuma aplicação prática como doutrina da Igreja. E temos de admitir que nem sempre demos à doutrina do santuário o lugar central no ensino Bíblico que ela ocupara outrora como força espiritual e vital. Chega agora o tempo em que o assunto do santuário deve passar a ser o centro da nossa mensagem.

Já estamos muito afastados do tempo em que vigoraram aquelas heresias para sermos afectados por elas. Elas seguiram a sua carreira e a verdade permanece imutável. Podemos outra vez sublinhar os aspectos espirituais do santuário sem destruir as velhas

fundações. Acreditamos mais do que nunca que existe um santuário literal no céu, que este santuário está sendo purificado a partir dos fins dos 2.300 anos, a partir de 1844; que nesse ano Cristo principiou o Seu trabalho no santíssimo e que o juízo investigativo principiou também e que o fim deste trabalho continuará com a vinda do Senhor.

Com tudo isto acreditamos também que um trabalho paralelo tem de ser feito na Terra. No dia das expiações em Israel, o sacerdote tinha «de fazer uma expiação por ti, para purificar-te, para que tu pudeses ficar limpo de todos os teus pecados diante do Senhor» (16:30). Este trabalho era uma parte do trabalho no dia das expiações, daquela época. Este mesmo trabalho de purificação tem de ser feito *agora*. Há um santuário para ser limpo no céu. Há uma igreja para ser limpa na Terra. Os dois trabalhos devem marchar a par, de mãos dadas. A não ser que enviemos desde já, com antecipação, os nossos pecados perante o juiz, será atrasado o trabalho no céu e na Terra. Cristo está apto a limpar o santuário de cima, a terminar a Sua obra. Espera por nós para enviarmos os nossos pecados afim de que possa aniquilá-los no seu último ministério prestes a findar.

¿Qual será, então, o ministério do nosso Sumo-Pontífice? Ele está ministrando no lugar santíssimo. Ali ele está esperando durante algum tempo para incluir no Seu trabalho os pecados que lhe sejam enviados antes de terminar a Sua obra. Ele não vai ficar muito tempo à espera.

Uma verdadeira concepção do trabalho de que a Igreja carece agora inclui a santificação, a vitória sobre o pecado, a entrada com Cristo no lugar santíssimo.

Que Deus nos ajude a manter a Fé uma vez dada aos santos, a penetrar na porta aberta perante nós, acreditar num santuário literal ou real no céu que necessita ser purificado e com todo o nosso coração procurá-lo, a Ele que não só é fiel e justo para perdoar os nossos pecados mas que nos limpará de toda a iniquidade. Quando a Igreja na Terra for limpa, quando todos os pecados forem enviados antecipadamente para o céu, então, e só então poderá Cristo destruí-los. O santuário celestial será então purificado até da própria lembrança do pecado e o povo de Deus será santificado, atingirá a santidade. Possa esta semana de oração significar, para todos nós, um largo passo para a frente.

Leitura para **Têrça-feira** da Semana de Prece — 1945

O SÊLO DO DEUS VIVO

por FRANCISCO MCCLELLAN WILCOX



O texto para este estudo bíblico diz o seguinte:

«Depois destas coisas vi quatro anjos de pé nos quatros cantos da Terra segurando os quatro ventos da Terra para que o vento não soprasse sobre a Terra, nem sobre o mar, nem sobre qualquer árvore. E vi um outro anjo subindo do oriente, tendo o sêlo do Deus vivo: e gritou com forte voz para os quatro anjos a quem foi dado danificar a Terra e o mar, dizendo: «Não danifiqueis a Terra, nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos assinalado os servos do nosso Deus nas suas testas. E ouvi os números dos que foram assinalados; e foram assinalados cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel» (Apoc. 7:1-4).

À medida que qualquer ler este texto, quatro perguntas se apresentarão naturalmente diante do seu espírito: ¿A que tempo se refere esta profecia? ¿Que simboliza este acto de segurar os quatro ventos? ¿Que será o sêlo do Deus vivo? ¿Quem receberá esse sêlo e será contado entre os 144.000?

O tempo desta profecia

A profecia cumprir-se-á nos dias do fim, na geração que há-de contemplar a vinda de Cristo. A classe especial trazida à vista, será redimida de entre os homens, trasladada de entre os vivos, quando Cristo vier levar os Seus filhos para o céu.

«E olhei e eis um Cordeiro de pé no monte Sião e com Ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o nome de Seu Pai escrito nas suas testas... Estes foram redimidos de entre os homens, sendo as primícias para Deus e para o Cordeiro. Nas suas bôcas não se achou engano porque eles são sem falta diante do trono de Deus» (Apoc. 14:1-5).

Nós vivemos justamente no tempo em que esta profecia será cumprida.

A retenção dos ventos

Na profecia, os ventos denotam revoluções sociais e económicas, convulsões da natureza tais como terremotos, lutas políticas, animosidades nacionais e guerras. Na realidade, tem sido quasi sempre através de tais agências que as nações têm entrado no palco da acção. «João vê os elementos da natureza — terremotos, tempestades, lutas políticas — representados como prisioneiros dos quatro anjos. Estes ventos estão sob contrôle até que Deus dê ordem para os largar. Aqui está a salvaguarda da igreja de Deus» («Test. para Ministros», p. 444).

Deus tem usado de várias nações em muitos casos para a realização dos Seus bem concebidos planos e fins. Ele até tem levado a fúria dos homens a dar-Lhe louvor e a restante fúria que não contribuisse para esse fim Ele soube reter sob o seu domínio (Salm. 76:10). Deus procede com as nações da mesma forma que com indivíduos. Muitas vezes usa uma nação para exercer os Seus juízos sobre outra. As

marés das lutas políticas, os ventos da guerra, são conservados em sujeição enquanto Deus, na Sua infinita sabedoria, vê que é melhor para ultimar as Suas beneficências na Sua Igreja. Enquanto os Seus planos e fins estão envolvidos, Ele diz aos governos da Terra como disse às poderosas vagas do mar inquieto: «Até aqui virás e daqui não passarás».

O resultado da guerra é que a mensagem do Evangelho penetra muitas vezes em territórios novos e onde previamente não fôra prégada.

¿Que é o Sêlo de Deus?

O sêlo é empregado para mostrar o autor e a sua autoridade no que respeita às leis e documentos legais quando promulgados. Isto é bem ilustrado nos incidentes recordados em 1 Reis 21:8 e Ester 8:8. Jezabel, a má rainha de Israel, «escreveu cartas em nome de Ahab e selou-as com o seu sêlo». A Mar-do-queu, seu primeiro ministro, Assuero ordenou: «Escreve... em nome do rei e sela-a com o seu anel real». O sêlo do estado, em cada país, quer no sentido literal quer figurado, revela o nome do governador, a sua posição oficial e a extensão da sua autoridade.

O sêlo de Deus está relacionado com a Sua lei. Na profecia, com aplicação clara para os últimos dias, o Senhor ordena: «Liga o testemunho e sela a lei entre os meus discípulos» (Isaías 8:16). O testemunho ou mandamento de Deus tinha sido quebrado, o sêlo rasgado do decálogo divino. O mandamento quebrado deve ser ligado e o sêlo rasgado deve ser restaurado.

¿Onde se encontra, na Lei de Deus, o sêlo? Os seus três requisitos devem ser encontrados naquela parte da Lei onde está indicado o nome do legislador. A Sua posição oficial, o território do Seu governo ou a medida da Sua autoridade. Estas condições encontram-se só num dos dez mandamentos, a saber no que manda observar o sétimo dia da semana como santo sábado.

Notem em particular a autoridade divina desta santa lei da qual o Sábado é uma parte. «O Senhor (nome do legislador) fêz (criador é o Seu título oficial) os céus e a Terra, o mar e tudo o que nêles há (a extensão da Sua autoridade)».

O sêlo do Deus vivo não é qualquer sinal externo que distinga os que o recebem. É antes alguma instituição ou observância com especial referência a Deus que servirá para marca distintiva entre os adoradores de Deus e os que não são Seus filhos. Somos pois levados à conclusão inevitável que a observância do sétimo dia como Sábado, estabelecida na lei dos Dez Mandamentos, constitui o sêlo do Deus vivo.

O Sábado, um sinal

A comparação das várias escrituras revela que as palavras «toque», «sinal», «sêlo» e «marca» são usadas na Bíblia como termos sinónimos (Vêde Génesis 17:11; Rom. 4:11; Apoc. 7:3; Ezequiel 9:4). Repetindo as Suas instruções a Moisés com respeito à observância do Sábado, o Senhor declarou que o Sábado era um sinal de santificação, «um sinal entre Mim e os filhos de Israel para sempre». O Sábado foi dado como sinal não para o Israel carnal apenas, mas também para o Israel espiritual, existente em cada país. Declara o Apóstolo Paulo: «Se sois de Cristo, sois semente de Abraão e herdeiros consoante a promessa». Nenhuma observância do Sábado cons-

tituiria o Sábado como sinal. O significado espiritual desta santa instituição deve ser reconhecido. Deve encontrar-se nêle não só repouso físico, mas, sobretudo, repouso espiritual. Só desta maneira será a observância do Sábado um sinal de santificação, um «sêlo do Deus vivo».

O sêlo colocado sobre os 144.000 de Apocalipse 7:3 do Apoc. 7:3 é chamado o nome do Pai em Apoc. 14:1. O nome do Pai representa o Seu santo carácter. Êste santo carácter deve ser possuído por aqueles que receberão o sêlo do Deus vivo. Esta transformação pode ser executada só pelo poder do Espírito Santo. Declara o Apóstolo Paulo à igreja de Éfeso: «Vós estais selados com aquele Espírito Santo da promessa».

O trabalho da selagem é grãficamente pintado pelo profeta Ezequiel no nono capítulo da sua profecia. O anjo de Deus é dirigido «para ir através da cidade, através do meio de Jerusalém e colocar uma marca nas testas dos homens que suspiram e que gritam por tôdas as abominações que têm sido feitas no meio dela».

Êste sêlo não será colocado sobre nenhum observador do Sábado que o guarde apenas na aparência e que continui a amar o mundo, mas apenas sobre os que receberam «o amor da verdade» e que têm sido santificados pela obediência aos santos requisitos de Deus. Esta experiência pode ganhar-se só através do poder de Cristo dentro da alma, da transformação exercida pelo seu Santo Espírito.

Cristo contra o anti-Cristo

O anjo que vai selar, apresentado no Apocalipse 7, é idêntico ao terceiro anjo de Apocalipse 14. O primeiro tem «o sêlo do Deus vivo» que já vimos ser a observância do Sábado do sétimo dia indicada no decálogo divino, enquanto o anjo do capítulo 14 dá a mensagem que organizará um povo que guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Versículo 12). A mensagem de cada um dêstes é para os últimos dias e tem por fim preparar um povo a encontrar o Senhor na Sua vinda.

As nações dos homens, especialmente o professo povo de Deus, são chamadas para a observância do verdadeiro Sábado. Também são avisadas contra a adoração da bêsta, da sua imagem e a recepção do seu sinal. Um estudo das profecias encontradas em Apoc. 13 revela que a bêsta é um símbolo de Roma Papal. A imagem da bêsta é uma união da igreja e do estado como no seu protótipo Papal. A marca da bêsta é o sábado do Domingo, uma contrafacção do verdadeiro sábado do Senhor. A observância desta contrafacção será reforçada por leis.

Durante anos, uma propaganda zelosa tem sido exercida por vários reformadores político-religiosos para obter do Congresso nacional o decreto que requere de cada cidadão americano a pública observância do primeiro dia da semana como sábado nacional. Pelos heróicos esforços dos legisladores que ainda acreditam nos princípios da liberdade religiosa sobre os quais se fundou o governo dos Estados-Unidos, a sinistra legislação proposta foi derrotada. Mas algum dia êstes maus esforços terão êxito, estamos certos, pelos dizeres proféticos de Apoc. 13.

Cumprindo a profecia

A hierarquia Romana vê numa América convertida a futura esperança da sua igreja. Já em 38 das

nossas 50 maiores cidades, os membros da igreja de Roma excedem os membros das outras denominações. Agora a direcção da igreja de Roma dirige os seus particulares esforços para ganhar a América camponesa. Quando isto se realizar com o auxílio ou a indiferença de um Protestantismo decadente, qual será a atitude que a Igreja Romana tomará em face da sociedade em geral? Nós já temos a sua resposta escrita há cem anos mas publicada recentemente, como a voz da Igreja. Vamos citar um panfleto «A Ilusão Liberal», por Luís Veuillot, traduzido por George Barry O'Tolle, Doutor em Filosofia, Professor de Filosofia na Universidade Católica da América, Washington D. C., e sancionado em 1939 pela Conferência Nacional Católica de Beneficência, Washington D. C.

«À medida que os tempos decorrem e os homens compreendem que o edifício social deve ser reconstruído consoante os modelos eternos, seja num próximo amanhã, seja nos séculos vindouros, os Católicos arranjarão as coisas que estejam de harmonia com êsses modelos. Não sendo espantados pelos que preferem habitar nas sombras da morte, êstes serão capazes de restabelecer certas leis da vida. Êles restaurarão Jesus no Seu lugar nas alturas e Êle deixará de ser insultado. Levarão os seus filhos a conhecer Deus e honrar seus pais. Êles defenderão a insolubilidade do casamento e se não obtiverem a aprovação dos dissidentes não deixarão de obter a aprovação dos seus filhos. Farão obrigatória a observância do Domingo como benefício para tôda a sociedade e para o seu próprio bem e revogarão a permissão dada aos livres-pensadores e aos Judeus para celebrar, *incógnito*, Segunda ou Sábado à sua própria custa. Aquêles que se possam aborrecer com estas leis, terão de sofrer as conseqüências do seu aborrecimento. Não será recusado o respeito ao Criador nem o repouso negado às criaturas só pelo prazer de agradar a maníacos cuja condição frenética os leva estúpida e insolentemente a bloquear a vontade de tôda a nação. No entanto, como as nossas, as suas casas não deixarão de ser mais sólidas e os seus campos mais férteis, por essa razão.

«Numa palavra, os Católicos serão Católicos e os dissidentes que foram tolerantes conhecerão a caridade católica mas nunca lhes permitiremos que quebrem a unidade católica» (pp. 63, 64).

Como indicio da posição dêste escritor na igreja, o Papa Leão XIII designou-o «Pai Laico da Igreja» e Pio X declarou que «êle era o modelo dos que lutam pelas causas sagradas» (Id., p. 3).

¿E como se portam os chamados reformadores religio-políticos do Protestantismo em face dêste programa Católico? Irão dar-lhe o seu mais caloroso apoio. «Os Protestantes dos Estados-Unidos estenderão as suas mãos através do gôlfo para apertar a mão do Espiritualismo; êles quererão passar sobre o abismo para apertar a mão do poder de Roma e sob a influência desta tripla união, êste país seguirá nas passadas de Roma e pisarão a pés os direitos de consciência» (G. C., p. 588).

Quando isto fôr feito, a perseguição de todos quantos discordarem desta união seguir-se-á inevitavelmente. Esta classe será contada como desleal, traidora ao seu govêrno. Será privada dos direitos de cidadania, proibida de comprar ou vender e finalmente ameaçada de morte, a não ser que deponha as suas convicções de consciência. Os passos dados neste país serão seguidos noutros países. Assim a controvérsia do Sábado tornar-se-á uma questão mundial.

Um mui solene aviso

Contra êste esforço nada santo de exaltar os mandamentos dos homens acima de Deus e dos Seus mandamentos, a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14 dá um aviso sério e solene. «E o terceiro anjo seguiu-se, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a bêsta e a sua imagem e receber a sua marca na sua testa ou na sua mão, o mesmo beberá do vinho da ira de Deus que se lança sem mistura no cálice da sua indignação» (Apoc. 14:9, 10).

Esta mensagem foi entregue pelo Céu à igreja para a entregar ao mundo e nós devemos ser fiéis à comissão dada. Bondosa, amável mas destemidamente devemos soar o aviso. Nós podemos fazer isto sômente e na medida que formos santificados pela mensagem que levarmos. Nós não podemos efectivamente conduzir os outros a Cristo, a não ser que nós experimentemos em nós mesmos essa salvação. Devíamos examinar a Palavra de Deus diligentemente, de forma a podermos aprender os fundamentos da nossa fé e porque acreditamos nas verdades da nossa mensagem. Devíamos orar sèriamente pelo Espírito Santo para nos permitir viver vitoriosamente a nossa vida e dar poder ao nosso ministério em favor dos que O não conhecem.

Enquanto nós devemos soar fielmente esta mensagem, proclamando o juízo de Deus sôbre os que recusam obediência aos Seus rectos mandamentos e perseguem a Sua igreja, devemos ter cautela em não julgar os que aparentemente rejeitam esta mensagem. Deus tem os Seus filhos fiéis na Igreja Católica Romana e nas várias Igrejas Protestantes. Algumas vezes êstes amantes da verdade ouvirão e aceitarão a mensagem: «Sai dela (de Babilónia) meu povo para que não sejas participante dos seus pecados e para que não recebas as suas pragas» (Apoc. 18:4).

Falando da marca da bêsta e do tempo em que será colocado, foi-nos dito que a marca da bêsta não será recebida até que «a observância do Domingo seja imposta por lei». «E só quando o decreto seja assim claramente colocado diante do povo e êle tenha de escolher entre os mandamentos do homem é que os que continuarem na transgressão receberão a marca da bêsta» (G. C., p. 449).

O nosso refúgio e fôrça

A grande controvérsia entre a verdade e o êrro, entre Cristo e Satanás ou o anti-Cristo, principiou no céu antes do pecado entrar neste mundo e tem estado em decurso nos últimos sessenta séculos. Dá calafrios estar a ver que esta grande guerra de princípios opostos deve ser continuada até acabar nos nossos dias e nós temos de participar nesta controvérsia. Possa Deus dar-nos os nervos necessários para executar a nossa parte no grande conflito diante de nós. Enquanto as nuvens acumuladas presagiam a grande tempestade e nós estamos entrando nos perigos dos últimos dias, devíamos sempre ter na mente que Deus é o nosso refúgio e fortaleza, auxílio sempre presente na angústia e portanto não precisamos de temer pelo futuro. Para uma hora como esta, foram-nos enviadas as seguintes palavras de consôlo:

«Irmãos, não temos agora tempo para tristezas nem para desesperos, não temos tempos para dúvidas ou incredulidade. Cristo é para nós não um Salvador sepultado no jazigo novo de José, fechado com uma grande pedra e selado com o sêlo de Roma.

Nós temos um Salvador ressuscitado. Ele é o Rei, o Senhor dos exércitos; Ele senta-se entre os querubins e entre a luta e tumulto das nações guarda ainda o Seu povo. Quem governa os céus é o nosso Salvador. Ele mede cada aflição. Ele vigia o fogo da fornalha que tem de experimentar cada alma. Quando as fortalezas dos Reis forem derribadas, quando as setas da ira de Deus ferirem os corações dos Seus inimigos, o Seu povo receberá a segurança que estão salvos na Sua mão. Na paciência devem possuir a sua alma» (E. G. White, R. & H., 1 de Março de 1945).

Carácter dos selados

Estamos a ver hoje aquilo por que estivemos durante muito tempo à espera. Estamos-nos aproximando rapidamente da hora da crise quando seremos chamados a responder pela nossa fé. Lealdade a Deus e aos Seus mandamentos significarão perseguições, confiscações das nossas propriedades, prisão e ameaças de morte. Quem estará apto a resistir? Só aqueles que tenham feito de Cristo o seu refúgio e que estejam guiados e auxiliados pelo Seu Santo Espírito que possuam a consciência da divina aceitação.

¿ Como poderá tal experiência ser obtida? Confessando e abandonando cada pecado. Restituindo e remediando, tanto quanto esteja em nosso poder, os males feitos contra Deus e contra o próximo. Vivendo vidas verdadeiras à profissão de fé como crentes cristãos que aguardam a segunda vinda de Cristo. Fazendo o que nós pensamos ser nosso dever fazer, cada dia e cada hora. O apêlo de Deus à Sua igreja hoje é separar-se de cada pecado, procurar a vitória sobre cada deficiência. Só à medida que assim fizerem podem esperar receber o selo do Deus vivo, a bênção do Espírito Santo, na chuva da última estação. Ao falar desta preparação, diz a Serva do Senhor:

«Vi que ninguém podia partilhar do «refrigério» se não tivessem obtido a vitória sobre cada deficiência, orgulho, egoísmo, amor do mundo, e sobre cada má palavra ou acto. Devíamos, pois, aproximar-nos cada vez mais de nosso Senhor e procurar seriamente a preparação necessária que nos permita ficar de pé

na batalha no dia do Senhor. Que todos se lembrem que Deus é santo e que só os santos podem habitar eternamente na Sua presença» (E. W., p. 71).

Noutro texto, lemos: «Agora é o tempo da preparação. O selo de Deus nunca será colocado sobre a cabeça de um homem ou mulher impuros. Nunca será colocado na cabeça dos ambiciosos e dos homens e mulheres mundanos. Nunca coroará a cabeça de homens e mulheres de línguas falsas e corações enganadores. Todos quantos recebem o selo devem ser sem mácula diante de Deus — candidatos do Céu» («Test.», vol. V, p. 216).

Esta experiência de investigação séria pela posse da justiça fará de nós pela graça de Deus Cristãos de alma íntegra, práticos, constantes. Seremos Cristãos nos nossos lares, Cristãos na nossa vida social, nos nossos negócios. Amaremos a casa da oração mais do que lugares de prazer. Comeremos, beberemos e vestiremos para a glória de Deus. Seremos fiéis ao narrar o significado das coisas que actualmente têm lugar no Mundo.

O selo do Deus vivo, representado na observância do Seu santo dia de repouso, nunca será colocado sobre os que naquele dia, conforme lemos em Isaías, seguem os seus caminhos, falam as suas próprias palavras, e procuram os seus prazeres. Mas o selo de Deus será dado só àquêles que podem na verdade chamar ao Sábado um dia deleitoso, o santo dia do Senhor; digno de honra.

«Portanto estai prontos porque o Filho do homem virá à hora em que não penseis».

Vamos nós resolver com sinceridade e solenidade que, desde esta hora em diante, a nossa principal preocupação será preparar-nos a encontrar o nosso bendito Salvador na Sua vinda e conduzir outros a um conhecimento salvador da mensagem desta época. Vivamos dia a dia como se estivéssemos à vista do Santo Deus, conscienciosos de que Ele toma conta de cada acto das nossas vidas, dos motivos e fins que possuem as nossas almas. Mantendo esta experiência nós seremos capazes de olhar para cima e dizer naquele glorioso dia da Sua vinda: «Este é o nosso Deus; nós estávamos aguardando-O e Ele nos salvará; este é o Senhor; temos esperado por Ele e na Sua salvação nos alegraremos e rejubilaremos».

Leitura para Quarta-feira da Semana de Prece — 1945

A hora crítica para a Expansão Missionária

POR E. D. DICK

A missão especial da Igreja remanescente é levar as boas-novas da salvação através da fé em Jesus Cristo, o nosso Salvador, a tôdas as nações, tribos, línguas e povos. Uma parte essencial destas boas-novas de salvação é a segunda vinda de Cristo e o estabelecimento do Seu reino eterno na Terra remoçada. Como resultado de investigações cuidadosas e feitas em espírito de prece nas Sagradas Escrituras sob a condução do Espírito Santo, nasceram profundas convicções nos corações dos pioneiros deste movimento no que diz respeito ao regresso

iminente, literal e pessoal de Jesus. Impelidos por estas convicções lá foram eles proclamar a mensagem a um mundo desinteressado e hostil. O trabalho iniciou-se em 1844 quando se esperava que o Senhor viesse.

Crescimento fenomenal

Iniciando-se como grão de mostarda, os poucos pioneiros da mensagem adventista, sem recursos monetários, avançaram pelo mundo fora com a mensa-

gem da próxima vinda do Salvador a este mundo. No decorrer das consecutivas décadas, Deus operou maravilhosamente em favor do Seu povo até que êle se tornou uma grande árvore cujos ramos chegam até aos confins da Terra.

As três décadas que se seguiram foram anos de expansão de horizontes e alargamentos de visão. O número dos crentes aumentou consideravelmente. As publicações de literatura foram iniciadas, formou-se um fundo para elas e cresceu uma preocupação de enviar esta mensagem a campos estrangeiros.

Iniciado este movimento de missões estrangeiras com o Pastor J. N. Andrews, que respondeu a um apêlo feito da Europa em 1874, o trabalho estendeu-se a tal ponto que presentemente trabalhamos em 413 países e ilhas, em 810 línguas escritas e faladas. Nenhum outro exemplo mais brilhante da bênção de Deus se pode citar do que o que foi visto na extensão e crescimento da nossa obra de publicações. Principiando em 1849, quando a primeira edição de tôdas as nossas publicações foi levada ao correio pelo editor num saco de compras, debaixo do braço, o trabalho estendeu-se rapidamente até um pouco antes do rebentar da segunda Grande Guerra e neste período estávamos nós publicando literatura em 202 línguas nas nossas 69 casas editoras.

No ano centenário deste movimento — no segundo ano que marcava o auge desta Guerra Mundial — as nossas vendas totais de literatura aproximavam-se dos 8.750.000 dólares (218.750 contos). Idênticos relatórios emocionantes podem citar-se noutras linhas de trabalho. A nossa primeira academia começou em 1872, com 90 alunos; a nossa primeira escola da igreja em 1880, com 15 alunos; nos fins de 1843 tínhamos 277 escolas superiores, secundárias e especiais com um total de 21.082 alunos; além destas tínhamos 3.027 escolas elementares com 107.447. Da mesma forma, as escolas sabatinas, a igreja ao estudo, apresenta uma emocionante pintura do progresso: a nossa primeira escola sabatina principiou em Rochester, Nova-Iorque, em 1853; agora temos 14 574 escolas sabatinas, com 654.370 membros, o que excede o número de membros baptizados em 119.236.

Razões para entusiasmo se encontram também no crescimento do trabalho em grandes áreas geográficas. A semente lançada à terra por J. N. Andrews e os que se seguiram, deu como resultado uma seara de 97.274 membros na Europa, com exclusão da Rússia. Tais membros encontram-se em 2.494 congregações. Nos 23 países que compreende a Divisão Inter-Americana existem 47.433 membros com muitos mais à espera de baptismo. E do grande continente Africano as vozes de mais de 100.000 crentes cantam o cântico da esperança adventista. Da Índia, conhecida com o nome Gilbratar Pagã, mais de 7.000 nasceram para a mensagem adventista; das ilhas Filipinas 23.000 e número igual da Austrália e dos milhares de ilhas que pululam nos estreitos do Pacífico Meridional. Raras vezes se tem revelado ao Mundo tais evidências do poder transformador da graça salvadora de Deus como a reflectida pelos nossos membros, muitos dos quais saíram à pouca da selvajaria, os quais viveram sólidas vidas cristãs na presente e, muitas vezes, em favor das forças militares que ocupavam as suas terras.

Longe de estar acabado!

E quanto ao futuro? Que restará a fazer? Com um relatório tão esplêndido atrás de nós poderemos

ser levados a pensar que estamos quasi no fim dos nossos trabalhos. Pensar assim é cometer um grande erro. Ainda há muito que fazer em tôdas as partes do Mundo até na nossa pátria (o autor refere-se aos Estados-Unidos) onde a mensagem tem sido conhecida e proclamada há mais tempo, ainda há largas cidades e grandes áreas rurais onde muito pouco, mas mesmo muito pouco, se tem feito.

As grandes cidades da América, especialmente no Este, ainda estão à espera de ouvir a mensagem da próxima vinda de Cristo, proclamada de forma bem clara. Nestas cidades, muito pouco se tem feito. Grandes ilhas de gentes estrangeiras vivem no seio da nossa nação norte-americana que nunca ouviram falar da nossa mensagem. Grandes populações de outras côres na parte sul da grande América e até no interior das nossas grandes cidades esperam ainda as boas-novas da salvação e esta espera dura há largos anos.

Na Inglaterra, a mensagem tem sido prêgada durante muitos anos. Temos ali mais de 6 000 membros. O zêlo pelas missões cristãs é grande, mas a despeito disso, dizem-nos que só na Inglaterra há mais 700 grandes cidades com mais de 5.000 habitantes onde os adventistas são desconhecidos; há também 150 cidades populosas em idênticas circunstâncias na Escócia e 100 em Gales.

Na América do Sul estabelecemos congregações em cada uma das cidades capitais. Pelo menos nessas cidades está representado o nosso movimento. Estamos apenas no início. Não basta uma ou duas pequenas congregações nas secções mais pobres e menos representativas das grandes metrópoles. A mensagem tem de ser prêgada ainda «com grande voz». No estado de Colúmbia há 706 municipalidades, isto é, áreas com, pelo menos, 3.000 habitantes. Estamos trabalhando em 58 delas. Desta forma 648 municipalidades não foram ainda tocadas pela nossa mensagem. Semelhante descrição de território onde ainda não penetrámos poderia ser apresentado em cada país da América do Sul.

A África, embora nela tenha havido o progresso de que já falámos, oferece ainda um poderoso desafio para que seja terminado o trabalho. Grandes secções deste vasto continente, algumas tão vastas como todos os Estados-Unidos, não foram ainda abordadas. E até nas regiões onde dizemos ter penetrado, pouco ainda se tem feito.

Até à data não temos nenhum trabalho no Sudão Anglo-Egípcio, nenhum na África Ocidental Francesa, nenhum na Costa do Marfim, no Daomé, na Guiné Francesa, (nem na Guiné Portuguesa). O mesmo poderíamos dizer nos três quartos da África Equatorial Francesa e na metade do noroeste do Congo Belga. Nestas porções, existe um terço da população total da África. Se dividíssemos os continentes da América Meridional e da África em regiões iguais às que nós temos nos Estados-Unidos, é duvidoso se uma entre vinte dessas regiões mostrasse uma área de penetração adventista.

Voltemo-nos para o Oriente. Muito mais do que metade de toda a população do Mundo vive na Ásia, incluindo o Japão. Também estes devem receber as boas novas do regresso de Jesus. Que resta porém a fazer? No Médio-Oriente está a fortaleza do Maometismo onde muito pouco se pôde fazer ainda. O Maometismo tem 225 milhões de devotos que resistem aos trabalhos das missões cristãs com zêlo verdadeiramente fanático. Esta região constitui um dos grandes desafios às empresas Cristãs, especialmente depois de terem estabelecido em certos países go-

vernos genuinamente maometanos, e nêles o desenvolvimento da fé cristã está fortemente impedido.

Índia e Burma também apresentam grandes e incomensuráveis tarefas. As religiões do Oriente são místicas e enredam todos quantos não conhecem a verdade. Na Índia, somente, contam-se uns 225 milhões que obedecem por meio de peregrinações, orações e outros esforços escravizadores à idéia de se aperfeiçoarem de tal modo que pela reincarnação alcancem uma mais alta forma do ser quando se der a novo nascimento.

Até a China espera a esperança que só o advento pode conceder. Açotada pela fome, pelas doenças, exposta à guerra, à inflação — milhões na realidade defrontaram mortes desgraçadas. Nada menos do que 100 milhões deixaram as suas casas, disse-nos uma pessoa chegada da China, quando aquêles país foi invadido pela guerra. Marcharam para o interior. Pelo menos metade daquela multidão morreu no caminho. Fome dizima milhões naqueles países congestionados. Que diremos do Japão, da Rússia e dos países da Europa? Devastados pela fúria das guerras modernas, as suas cidades jazem em montões de ruínas, as suas populações espalhadas como rebanhos sem pastor e, pior do que tudo isso, as suas mentes envenenadas pelo ódio e pela vingança. Só o poder santificador do evangelho oferece a esperança. Atrás dêste fundo se pode ver mais claramente do que nunca que a segunda vinda de Jesus é a solução aos males do Mundo e receber Cristo na alma é o único modo de gozar a paz, o confôrto e a esperança.

Duas grandes tarefas

Duas grandes tarefas aguardam o esforço do nosso povo — reconstrução e extensão — reconstruir o que foi perdido e estender o trabalho nas terras onde êle ainda não penetrou. Instituições foram demolidas e o seu pessoal espalhado. Casas absolutamente indispensáveis para a continuação e avanço da obra têm de ser reconstruídas. Compreendemos neste capítulo, casas editoras, instituições médicas, escolas de treino. Têm de ser reequipadas e têm de receber o pessoal necessário. Tudo isso requiere pensamento muito cuidadoso e esforço. Reclamará a mobilização de homens que presentemente levam pesados fardos na pátria e que têm de se deslocar a essas terras distantes para conduzir êste trabalho de reconstrução. Mais importante ainda é a reconstrução das nossas forças espirituais. A mão de amor fraternal e confiança deve estender-se através do gôlfo compreendido entre barreiras nacionais e raciais criadas pelas exigências da guerra. A nossa experiência como Cristãos deve ser tão real e tão vital que nós possamos acamaradar com os nossos confrades em tôdas as terras do Mundo, plenamente confiantes e sem atendermos a diferenças raciais ou ao partido a que perteceram durante a guerra. Como sinceros filhos de Deus todos somos irmãos.

Mas nem mesmo uma completa restauração das nossas forças físicas e espirituais bastará. Inspirada, a serva do Senhor escreveu:

«Mesmo assim, o nosso General que nunca cometeu um êrro, brada-nos: «Para a frente; entrai em novos territórios; levantai o estandarte em cada terra. Levantai-vos e brilhai porque a vossa luz chegou e a glória do Senhor está nascendo sôbre vós.

«Chegou o tempo em que através dos

mensageiros de Deus o rôlo está sendo aberto ao Mundo. As verdades contidas nas mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjo devem ser espalhadas a tôda a nação, tribo, língua e povo; devem iluminar a escuridão de cada continente e estender-se até às ilhas do mar. Não pode haver demoras neste trabalho.

«O nosso lema deve ser «¡Para a frente, sempre para a frente! Os anjos de Deus irão diante de nós a preparar o caminho. A nossa preocupação pelas regiões longínquas nunca pode diminuir até que tôda a Terra seja iluminada com a glória do Senhor» (G. W., p. 470).

¡Que apêlo estridente, de clarim, não é êste para época como a nossa! Certas frases nesta instrução parecem pedir sublinhado: «Avançai! Entrai em novos territórios! Levantai o estandarte em cada nação». ¡Chegou o tempo em que, através dos mensageiros de Deus, o rôlo está sendo aberto ao Mundo! Não pode haver demoras neste trabalho.

Certamente que, com o fim das hostilidades na Europa e com o próximo fim da guerra no Oriente, devemos intensificar as reconstruções o mais depressa possível. E com o restabelecimento das comunicações deveríamos enviar os nossos missionários para todos os países onde houvesse possibilidades de os fazer entrar.

Quais são as perspectivas? ¿Pode esta tarefa gigantesca de dar o evangelho a cada nação, tribo, língua e povo ser finalizada? Por certo que ela é vastíssima, mas nós podemos dizer: «Sim, mil vezes sim!» A nossa confiança para esta certeza está baseada na segura palavra de Deus. Não temos a certeza quanto à maneira como será feito, mas sabemos de certeza de que será feito. Não podemos dizer quais sejam os instrumentos e métodos que Deus empregará mas, se nos entregarmos a Deus confiadamente, Êle trabalhará por nosso meio para cumprir uma tarefa completa e rápida na Terra. Com respeito a êste ponto foi-nos dito:

«Quando o poder divino se combina com o esforço humano, o trabalho alargará como o fogo no restolho. Deus empregará agências cuja origem o homem não pode discernir» (R. & H., Dezembro 15, 1885).

Notemos contudo a frase: «poder divino combinado com o esforço humano». Não há provisão feita para levar a mensagem sem a cooperação dos instrumentos humanos.

Um apêlo à mocidade

A maior riqueza da Igreja é a sua Juventude. É a Juventude quem dá à Igreja energia, entusiasmo e alegria da vida; ao mesmo tempo dá-lhe os talentos que Ela necessita para finalizar o trabalho. A própria natureza das tarefas inevitáveis — tais como adaptação a novos meios, aprendizagem de novas línguas — requiere o serviço da gente moça. Para esta dupla tarefa de reconstrução e progresso carecemos da Juventude. No momento em que estamos a escrever estas linhas, temos 32 missionários a caminho dos seus campos e temos ainda mais 175 pedidos de outros missionários das Divisões ultramarinas que estão a ser resolvidos. Neste número compreendemos os missionários que já estão estudando outras línguas no Seminário, visto já terem campos definidos de actividade. Na verdade, as escolas da nossa denominação seguram nas suas mãos a chave do

problema. Com certeza ainda no futuro teremos de compreender a completa importância da sua tarefa. Acerca das nossas escolas, lemos: «Com um exército de obreiros como a nossa mocidade, convenientemente treinada, poderá fornecer, quão depressa, a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado, e que em breve aparecerá, poderá ser levada a todo o Mundo» («Educação», p. 271). Fazemos aqui um apelo à mocidade das nossas igrejas para que avancem a fazer a sua preparação com um fim utilitário, para as grandes tarefas que a esperam.

Um apelo a todos os nossos membros

O apelo ao serviço inclui mais gente do que a que possa ser treinada nas nossas escolas e dos que possam pertencer ao corpo de ministros. O plano de Deus na finalização da Sua obra prevê lugar para todos os membros consagrados e não fica limitado aos que têm o dom especial ou treino adequado. Também a respeito deste ponto, lemos:

«À medida que o tempo se aproxima, para ela (a mensagem do 3.º anjo) ser dada com o maior poder, o Senhor trabalhará através de humildes instrumentos, conduzindo as mentes dos que se consagrarem ao Seu serviço. Os obreiros serão qualificados mais pela unção do Seu Espírito do que pela instrução literária. O homem de acção e fé serão impelidos a ir, com santo zelo, declarar as palavras que Deus lhes deu» («Grande Controvérsia», p. 606).

Uma das divisas inspiradoras adoptadas por uma organização interessada no ensino dos adultos, é esta: «Cada um, ensine um». Também nós podíamos adoptar esta divisa nos nossos esforços em favor dos que não estão salvos. Se seguíssemos tal divisa, resultaria uma bênção tanto para o que ensina como para os que recebem o ensino. ¡Cada um, de entre nós, procure ensinar mais um!

Com respeito aos membros, somos assim ensinados:

«É um erro fatal supor que o trabalho de salvação de almas depende só do ministério. O crente humilde e consagrado, sobre quem o Senhor da vinha coloca o fardo das almas, deve receber encorajamento daqueles a quem o Senhor deu maiores responsabilidades» («A. dos A.», p. 110).

Esta frase, escrita na forma negativa, pode ser lida assim:

«A Obra de Deus na Terra nunca poderá ser acabada até que os homens e mulheres dentro dos membros das nossas igrejas se unam ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais das igrejas» («O. Evangélicos», p. 352).

De forma positiva, está escrito:

«Quando os membros da Igreja de Deus fizerem o trabalho que lhes está indicado na pátria e no estrangeiro, no cumprimento da missão evangélica, toda a Terra será avisada e o Senhor Jesus voltará a este Mundo com poder e grande glória» («A. dos A.», p. 111).

Poder para progresso

Mas o trabalho não acabará só com a acção humana. Se tal fôsse o plano poderíamos ter verdadeiras síncope. Uma pequena palavra «portanto» forma a base da ordem de Jesus. Ao planear o trabalho dos Seus discípulos, o Salvador disse: «Todo o poder Me é dado no céu e na Terra. Portanto ide» (Mateus 28:18, 19). A palavra «portanto» quere dizer «por isto» «por esta razão», «porque me foi dado todo o poder». Por isso mesmo é que os Seus discípulos deviam partir, ir por todo o Mundo, a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, com a certeza de que Jesus estaria sempre e por toda a parte com eles para que nunca fôsse inútil a sua missão. Ao planear o trabalho deles, não só arranjou o poder para a sua realização mas «tomou sobre Si a responsabilidade do êxito» («A. dos A.», p. 29). Não poderá haver nunca fracasso. A obra está nas suas mãos. Ele, pois, afirma: «que terminará o trabalho e o abreviará em justiça; porque um breve trabalho fará o Senhor sobre a Terra» (Rom. 9:28).

É impossível, seja quem fôr, predizer, com qualquer grau de certeza, a rapidez com que será terminado o trabalho. Recebemos, no entanto, certas sugestões largas que faremos bem ponderar. Como acima está escrito, a consumação do trabalho é descrita como se avançasse com a rapidez «do fogo no restólho». Com efeito, o fogo rapidamente se move no restólho. Com certeza muitos têm observado como o fogo passa de umas hastes de restólho para as outras, quando empurrado por vento forte, alcançando velocidades iguais às de um cavalo a galope. Emociona-nos ver um tal fogo. Mas pode ser que esta comparação não descreva bem a situação. Note-mos outra vez — a sua velocidade é comparada «à velocidade de relâmpago». No fim do volume V encontramos estas palavras impulsadoras, ao falar das visões de Ezequiel: «A luz brilhante indo entre as criaturas vivas com a rapidez com que o trabalho finalmente avançará para a sua finalização».

A rapidez do relâmpago — quem a poderá medir? Com esta certeza do triunfo da mensagem e a segurança da velocidade da sua finalização, vamos procurar reter as palavras do Mestre na Sua instrução:

«Estai também vós preparados, porque à hora em que não pensardes, o Filho do homem virá» (Mateus 24:44).

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso. 2\$50 3\$00
Assinatura anual 12\$50 15\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO